

## Via Roma, nº 38

A lua descendente brincava de esconde-esconde com as nuvens que se desmanchavam, lentamente despedaçadas pelo siroco,<sup>1</sup> e deixavam atrás de si longos rastros esbranquiçados como a cauda de um cometa. Embalada pelo mar, Livorno<sup>2</sup> languescia no torpor úmido e no silêncio espesso da noite de verão.

No palacete de dois andares dos Garsin-Modigliani, localizado no centro da cidade, na Via Roma, nº 38, depois de doze anos de casamento, Eugénie Garsin esperava o nascimento iminente de seu quarto filho. Ela tinha 29 anos. Seu marido, Flaminio Modigliani, tinha 44.

A noite fora longa, opressiva, povoada de sonhos premonitórios. Várias vezes Eugénie se levantara para encontrar, junto à janela da cozinha aberta para o jardim, um pouco de alívio para seu sofrimento. Com a proximidade da aurora, ligeiramente refrescada por uma brisa recendente a menta mesclada com lavanda e alecrim, Eugénie finalmente adormeceu, apesar do rangido dos fiacres e do barulho dos cascos no pavimento.

Fazia uma semana, parentes do lado Garsin chegaram, a maioria de Marselha. Eles haviam sido instalados no primeiro andar. O segundo era ocupado pela família Modigliani: Eugénie, Flaminio e seus três filhos, Giuseppe Emanuele, doze anos, que se tornará deputado socialista; Margherita, nove anos, que será professora primária; e Umberto, seis anos, futuro engenheiro de minas. Todos aguardavam a chegada do bebê com impaciência.

– Rápido, rápido, reúnam todos os objetos valiosos que encontrarem na casa e levem-nos para a cama da mãe de vocês! – ordenara Flaminio de maneira um pouco brusca.

Acordadas de sobressalto aos primeiros clarões do dia, as três crianças ainda sonolentas se apressaram a obedecer ao pai, juntando com gravidade, sem entender a razão, os pequenos tesouros domésticos que pudessem encontrar sobre os móveis e dentro das gavetas. Os parentes do primeiro andar, alertados pelo rebuliço, haviam subido rapidamente, agitados e silenciosos, para juntar-se às crianças e participar daquele jogo que consistia em empilhar jóias, pratarias, quadros e rendas sobre e sob os lençóis de Eugénie. Mas eles sabiam o motivo: na véspera, Flaminio contara-lhes que seus negócios iam mal, que sua empresa de madeira e carvão na Sardenha estava à beira da falência. Ele sabia – e revelara a eles – que naquela manhã oficiais de justiça viriam prendê-lo e confiscariam grande parte de seus bens. Mas ele também conhecia uma lei bastante providencial segundo a qual não se poderia apreender os objetos que estivessem sobre a cama de uma mulher prestes a dar à luz, e ele decidira segui-la literalmente.

Uma hora depois, os golpes surdos e repetidos da aldraba, batidos violentamente na porta, materializaram a má notícia que Flaminio temia. O calor e o nervosismo geral somavam-se à contrariedade do momento. Ele fora abrir a porta, com o coração na mão. Os dois oficiais de justiça se apresentaram. Um deles tirou de sua pasta de couro um maço de documentos que começou a ler com uma voz de falsete, processual e ridiculamente solene; e enquanto o outro cumpria as primeiras formalidades do inventário, Eugénie começou a gemer no quarto vizinho. Ela pedia ajuda.

– Rápido, a parteira e o médico! – ordenou Flaminio.

Giuseppe Emanuele imediatamente correu para a casa de Sara, que morava bem perto. A parteira, que já trouxera ao mundo os três primeiros filhos do casal, chegou sem demora.

Antes mesmo da chegada do médico da família, naquela sexta-feira, 12 de julho de 1884, às nove horas da manhã, o primeiro grito do recém-nascido ecoou na grande casa. Eugénie acabara de dar à luz Amedeo Clemente, na mesa de mármore negro da cozinha. Oito dias depois, segundo a tradição judaica, o *mohel* efetuou a circuncisão do menino, fazendo-o assim entrar na comunidade no ano de 5644 do calendário hebraico.

## Histórias de famílias

As duas famílias, os Garsin e os Modigliani, ambas judias, conheceram destinos diversos. Enquanto os Garsin tinham conseguido manter certa abastança, principalmente graças a um dos irmãos de Eugénie, Amédée Garsin, que enriquecera com especulações imobiliárias e comerciais, os Modigliani, por sua vez, tinham empobrecido a ponto de conhecer a humilhação da falência. Mas nem sempre fora assim.

– “Os Modigliani foram banqueiros do papa”, murmurava-se em casa nos dias em que ficava particularmente difícil esticar o orçamento – contará mais tarde Jeanne, a própria filha de Amedeo Modigliani.

Na verdade, a família Modigliani, cujo nome teria vindo, ao que tudo indica, de Modigliana, pequena aldeia da Romagna perto de Forli, teria no passado se transferido para Roma seguindo um ancestral, penhorista, que teria prestado importantes serviços financeiros a um cardeal. Jeanne Modigliani duvidava dessa mitologia familiar e sugeriu uma versão mais simples em um de seus livros: “A verdade é mais modesta: em 1849, um Emanuele Modigliani fora encarregado pelo governo pontifical de fornecer o cobre necessário às emissões extraordinárias de moedas dos dois ateliês pontificais”. O certo é que, em troca de seus serviços, o ancestral se achou autorizado a adquirir um vinhedo nas encostas do Albani, a despeito de uma lei dos Estados Pontificais que proibia os judeus de possuir terras. Evidentemente, ele logo foi convidado pelas autoridades eclesiásticas a desfazer-se delas nas próximas 24 horas, sob pena de sanções mais graves. Furioso, ele teria então decidido deixar Roma com toda a sua família para instalar-se em Livorno.

Segundo outra lenda familiar, os Modigliani e toda a comunidade judaica de Roma teriam tido um papel importante apoiando, ao lado de Garibaldi, o triunvirato do governo da República Romana, autoproclamada em 9 de fevereiro de 1849 contra o papa Pio IX. Pela primeira vez, os judeus romanos tinham o direito de deixar o gueto e ser considerados cidadãos romanos de pleno direito. Mas o triunvirato de Giuseppe Mazzini só durou cinco meses e rendeu-se em 2 de julho, sob ataque da Força Expedicionária francesa comandada pelo general Oudinot. Com a queda da República, muitos judeus escolheram seguir Garibaldi pela Itália; os Modigliani, por sua vez, teriam então deixado Roma para instalar-se em Livorno no fim do mesmo ano.

Em 1849, mesmo ano em que a família Modigliani se mudava para Livorno, Giuseppe Garsin instalava a sua em Marselha.

Os Garsin eram originários da Espanha, de onde, expulsos pelas perseguições, passaram a Túnis. Um ancestral, leitor e comentarista de textos sagrados, ali fundara uma escola talmúdica de grande renome no final do século XVIII. Depois eles se transferiram para Livorno, onde Giuseppe Garsin, primeiramente chamado Moisés mas que, mais tarde, segundo um velho costume, mudara de nome para exorcizar a sina que o atingira com inúmeras doenças infantis, nascera em 6 de fevereiro de 1793 de Salomon Garsin e de Régine Spinoza. Numa época em que nada podia ser determinado com precisão, a viúva de Salomon, Régine Spinoza, ficou sozinha para prover as necessidades de uma família numerosa, pois além de Giuseppe ela tinha mais dois filhos, Giacomone e Isacco, um pequeno Cesare que morrera em tenra idade, e três filhas, Anna, Esther e Rachel. A viúva Spinoza-Garsin levava uma vida modesta, criando severamente toda essa ninhada com austeridade e dignidade. Ela fez seus filhos estudarem e os impeliu cedo ao trabalho. Giuseppe tornou-se corretor, trabalhou incansavelmente e associou-se a um certo Moscato, de quem desposou a filha, Anna, não muito bonita mas boa, ativa e sensata. A casa comercial deles em Livorno era próspera;

e ela prosperou até o momento em que um beí de Trípoli que devia uma grande quantia recusou-se a pagar, ou melhor, não se recusou pagar, mas, reconhecendo sua dívida, ressaltou que não tinha dinheiro e não poderia honrá-la. Esse contratempo colocou o negócio familiar em grandes dificuldades. A grande perda sofrida obrigou Giuseppe a proceder a uma liquidação a fim de retomar as atividades em menor escala. Não lhe faltaram nem coragem nem experiência, mas as coisas andaram mal. Giuseppe decidiu então fechar definitivamente a agência de Livorno e embarcar com toda a família para Marselha, onde tinha fortes relações comerciais sobre as quais esperava apoiar-se para desenvolver seus negócios com a Tunísia.

Em Marselha, depois de um primeiro momento bastante difícil, as coisas melhoraram, a casa comercial retomou seus negócios, ganhou importância e Giuseppe logo ficou conhecido e estimado sob o nome de “Cônsul de Livorno”. Giuseppe Garsin e Anna Moscato tinham um filho: Isaac. No mesmo ano da instalação em Marselha, em 1849, Isaac casou-se com sua prima-irmã, Régine Garsin, filha de seu tio Isacco. Eles também tiveram, um após o outro, um grande número de filhos, e, dentre os sete que sobreviveram, Eugénie, nascida em 28 de janeiro de 1855.

Mesmo depois de doze anos de casamento, Eugénie ignorava tudo sobre os dissabores profissionais de seu marido, até porque ela o via raramente. Flaminio passava a maior parte do tempo na Sardenha com seus irmãos, Abramo e Alberto, para tentar a todo custo manter viva uma empresa familiar que infelizmente afundava em dívidas a cada dia.

Na primeira metade do século XIX, o avô deles, Abramvita, e o pai deles, Emanuele Modigliani, haviam comprado nos arredores de Cagliari uma propriedade que ainda era possível desflorestar e aproveitar em madeira e carvão, graças a uma concessão do ministro da Agricultura, do Comércio e da Marinha da época, Camilo, conde de Cavour. Alguns anos depois, eles aumentaram o patrimônio e assim ficaram, entre Macomer, Oridda e Domus Novas, na posse de sessenta mil hectares, que compreendiam doze mil hectares de terra agrícola, uma floresta e 25 zonas minerológicas. O ato de compra escriturado, conservado nos arquivos históricos da Universidade de Cagliari, leva a data de 1862. A parte mais fértil dessa vasta propriedade se encontrava em Grugua. Os Modigliani decidiram construir ali uma bela residência e uma fazenda-modelo.

Dos três filhos do chefe da família, Flaminio era o que participava com mais entusiasmo das atividades. Desde 1862 ele se instalara na casa de Grugua e, enquanto continuava a desenvolver a exploração agrícola, começou também a se interessar pela atividade mineradora. Em 1863-64, descobriu-se em Iglesias uma importante jazida de minério de zinco, de que grande parte se encontrava nas terras que pertenciam aos Modigliani.

A pequena cidade provinciana de Iglesias, até então insignificante, foi então subitamente invadida por numerosos especuladores, investidores, engenheiros de minas, empresários e políticos. Conheceu certo renome industrial europeu. Magazines, lojas, pousadas e restaurantes surgiram, mas faltava um bonito e grande hotel moderno e confortável.

Dentre todos esses personagens recentemente estabelecidos na Sardenha por motivos profissionais, muitos toscanos haviam sido levados por sua experiência no meio minerador, e um rumor se espalhou rapidamente na Toscana: o de que se precisava de um hotel grande, moderno e de qualidade na Sardenha. Tito Taci, um empreiteiro toscano que se tornaria amigo íntimo de Flaminio Modigliani, decidiu em 1870 construir esse hotel no centro histórico de Iglesias.

O Lion d'Or foi inaugurado em 1872 e rapidamente se tornou o centro de todas as reuniões e transações importantes. E foi no Lion d'Or que Flaminio Modigliani fez amizade com homens de negócios e políticos, com os quais saboreava as especialidades gastronômicas da região: pato da cozinheira; galantina de frango recheado; javali ao *cannonau*, importante vinho tinto da Sardenha. Os produtos cultivados em suas terras e o vinho de suas propriedades tinham lugar de honra à mesa de seu amigo hoteleiro.

Foi também no Lion d'Or, e por intermédio de Enrico Serpieri, primeiro presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Cagliari, que Flaminio Modigliani conheceu Isaac Garsin, o pai de sua futura esposa.

Durante uma viagem a Marselha, onde os Garsin mantinham suas atividades comerciais, Flaminio conheceu Eugénie. A decisão de casá-los foi tomada pelos pais sem o conhecimento da jovem, que tinha então apenas quinze anos. O casamento, arranjado entre as duas antigas famílias ligadas por relações de negócios, aconteceu dois anos mais tarde e foi seguido por uma série de gestações, obras das breves estadias de Flaminio na grande casa familiar dos Modigliani em Livorno, onde Eugénie vivia, junto com seus sogros, entre numerosos cunhados, cunhadas, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas e primos da tribo Modigliani.

## As vacas magras

O início da vida conjugal foi monótono para Eugénie, e durante os próximos quinze anos seu marido quase não existiu para ela. Concretamente, ele estava sempre ausente; só ia a Livorno para uns dez dias na Páscoa e uns quinze no verão.

Os Modigliani pareciam gozar então de certa fortuna. Prova disso é a primeira impressão de luxo que Eugénie teve da grande casa da Via Roma, cheia de serviçais, a mesa sempre posta para uma multidão de parentes, amigos e afins que vinham para refeições fartas, recepções constantes nos vastos salões em série do primeiro andar e do térreo, o qual dava para o jardim. Mas essa vida fácil só durou uma dezena de anos e se encerrou bruscamente quando Flaminio enfrentou as primeiras dificuldades econômicas, tanto na Sardenha quanto em Livorno. A família sem dúvida era numerosa demais para viver dos lucros do empreendimento, e a maior parte do dinheiro era gasta em despesas absurdas, constantes pagamentos de dívidas, juros de empréstimos. Paralelamente, a incompreensão entre os Garsin de Marselha e os Modigliani de Livorno, que haviam investido algum capital na sucursal Garsin de Londres, aumentava. Ligados por questões financeiras e comerciais mal resolvidas, escrituras e disputas de advogados, as duas empresas comerciais, a dos Garsin e a dos Modigliani, seriam levadas à ruína.

Assim, o dia do nascimento de Amedeo, 12 de julho de 1884, coincidiu com a primeira apreensão feita aos Modigliani para cobrir as taxas não-pagas da casa de Livorno e das propriedades da Sardenha. Flaminio precisou vender a fazenda de Grugua e a propriedade mineradora de Salto di Gessa, mas apesar disso não desistiu de seus negócios na Sardenha e hospedou-se no Lion d'Or com seu amigo Tito Taci.

Pouco antes, durante o casamento de Olimpia, a filha de seu irmão Alberto, com um certo Giacomo Lumbroso – mais um casamento arranjado por interesse –, ele fora obrigado, tremendo de raiva, a aceitar o pedido da família do noivo de dar a casa da Via Roma como garantia do dote. Depois desse “magnífico” contrato de casamento, sem saber direito como Flaminio pudera concordar com manobras que visavam privar seus filhos de um teto, Eugénie viu a família Lumbroso se apoderar de sua casa e seqüestrar seus móveis.

Com cada vez mais bens hipotecados e preocupações materiais cotidianas, o desastre é irremediável. Em Livorno, o dinheiro faz muita falta. A casa de Eugénie está bastante desprovida:

Eu dizia que jamais sentia frio [escreve ela em sua *História de nossa família*], pois era impossível comprar um casaco para o inverno; eu andava a pé enquanto todos andavam de carro. É claro, a primeira economia acontecia à mesa; a minha era espartana. Nunca ter nem um copo d'água para oferecer, pois, dentre outras mesquinhas, faltava em minha casa um jogo de mesa decente; nem toalhas, nem pratos, nem nada... além do puramente necessário.

Para evitar o pior, a casa para onde Eugénie precisou se mudar depois da tomada dos Lumbroso foi colocada em seu nome. A partir de então, ela garantirá cada vez mais sozinha, com muita coragem, o sustento e a educação de seus filhos, primeiro dando aulas particulares de francês; mais tarde, organizando uma pequena escola particular com sua irmã Laure.

A primeira professora de Eugénie Garsin, *miss* Whitfield, que era inglesa, a educara na disciplina rígida, nos princípios estritos, inclusive estreitos, e nas maneiras

formalistas das convenções protestantes da época, inculcando-lhe a noção de que a vida não é um jogo de prazer, mas sim um sacrifício permanente de que é preciso aceitar o sofrimento sem rebelar-se. Seguiu-se um período mais alegre e mais liberal numa escola particular francesa, católica e mundana, o Institut Anceau de Marselha.

De língua materna italiana, Eugénie estudara inglês com bom êxito escolar, depois o francês com o mesmo sucesso, a ponto de impô-lo à família. Somadas à cultura judaico-italiana familiar de tom intelectualmente elevado, essas influências contraditórias recebidas na juventude haviam aberto sua mente e a predispunham ao ensino. O amigo acolhedor e devotado dos dias tristes, o professor Rodolfo Mondolfi, a quem ela deve um pouco da paz e apaziguamento em seus momentos mais negros, a encoraja a dedicar-se ao ensino e a incentiva a estabelecer um pequeno colégio particular com sua irmã e com a ajuda de alguns amigos livornenses: Marco Alatri; Giuseppe Moro; padre Bettini, um padre católico que Eugénie conhecera durante uma estada de férias em Vico e que sempre seria fonte de grande reconforto moral; e o próprio professor Rodolfo Mondolfi.